

REVISTA PASSE **ardeia** 18

DIVULGAÇÃO CULTURAL

ANO 5 PASSOS - MG ABRIL DE 2025 Nº 18



ENTREVISTA
EXCLUSIVA

HELENA AMARAL

PÁGINA 3

LEVE COMO UMA PENHA

Adalton Almeida

Quem conta um conto Página 17

O MENINO E O CHOCOLATE

Luiz Gonzaga Fenelon Negrinho

Cronic'ardeia Página 25

3

Entrevista com
Helena Amaral



NESTA EDIÇÃO

- 7 A arte de viver e recomeçar
- 9 Aposentadas cuidam de galo sem pés em Passos
- 11 O morcego e o quati, uma história de café com ovo
- 13 Amor Fugaz
- 14 Vida
- 15 A pobreza de João André
- 17 Quem conta um conto - Leve como uma pena
- 19 Mineirices na semana santa
- 21 Mensagens do Alto
- 23 Miniconto
- 25 Crônic'ardeia - O menino e o chocolate
- 26 Quem é Robert Francis Prevost, o novo papa Leão
- 28 Mãe, não se tem só uma

EN



TREVISTA



A imaginação que transforma
cada experiência em fantasia –
tudo isso estava sendo
interrompido pelo olhar
crítico dos adultos.



HELENA
AMARAL

Helena Amaral, qual é o processo que constitui o projeto “Oficina para a Infância e Teatro para Bebês”?

A oficina que ministrei em março de 2025 teve como objetivo estabelecer uma conexão entre o tema explorado na minha nova montagem, voltada para bebês. Esse projeto foi cuidadosamente estruturado para aprofundar minha pesquisa e prática com crianças, especialmente na primeira infância, proporcionando uma experiência sensorial e lúdica alinhada aos princípios da peça. Durante o processo, busquei estimular a interação, a percepção e o envolvimento dos pequenos, criando um ambiente imersivo que valoriza a arte como parte essencial do desenvolvimento infantil.

Qual foi o percurso para o desenvolvimento do texto da peça “Teatro para Bebês”?

O texto surgiu a partir de uma postagem que vi na internet sobre um tema delicado, envolvendo uma criança de apenas quatro anos. O caso me tocou profundamente, pois percebi milhões de adultos julgando um bebê. Ao me aprofundar no assunto, compreendi que aquela criança enxergava o mundo de uma maneira singular, imersa em sua própria realidade um universo que lhe pertence.

Foi então que me questioneei: o que realmente importa para as pessoas? O ser humano ou os objetos? Dessa reflexão nasceu o título da peça: O Menino e o Mundo das Coisas.

Na análise que realizei, percebi que, para uma criança em pleno desenvolvimento, os objetos ao seu redor representam um mundo a ser descoberto. A casa que parece diminuir de tamanho quando vista pela janela do avião, as nuvens em movimento que proporcionam a sensação de leveza, e a imaginação que transforma cada experiência em fantasia - tudo isso estava sendo interrompido pelo olhar crítico dos adultos.

A partir do momento em que defini o título da peça, passei a observar atentamente os movimentos e a forma como as crianças interagem com os objetos e brinquedos. Esse estudo foi essencial para garantir que o título da peça estivesse genuinamente alinhado ao conteúdo que desejo apresentar.

Em que se alicerça o processo criativo da peça “O Menino e o Mundo das Coisas”?

O processo criativo teve como ponto de partida a observação de brinquedos utilizados por bebês. A partir dessa experiência, desenvolvi um storyboard, criando um universo cênico voltado para os bebês, onde cada passo do protagonista está registrado como um recurso de memória. Esse registro me permite estruturar o percurso da montagem de forma coesa e orgânica.

O alicerce do processo criativo é o fato real que motivou a peça, ressignificado artisticamente e materializado no storyboard, que se tornou meu principal aliado. Esse recurso me possibilita

unir poesia e realidade, expressando-as por meio de formas, cores e movimentos dos objetos. Com essas referências alinhadas, construí um roteiro detalhado para a encenação e a atuação.

A construção cenográfica é de sua autoria?

Sim, a cenografia é de minha autoria. Busquei um espaço alternativo que remetesse ao quintal dessa criança, proporcionando uma ambientação mais próxima do universo infantil. O local foi escolhido criteriosamente, e, por isso, a peça será apresentada no espaço Canto de Passarinho, que possui essa característica acolhedora.

O cenário, assim como o figurino e os objetos cênicos, é minimalista. Para os bebês, a presença do minimalismo é fundamental, pois evita a sobrecarga sensorial. Um ambiente mais limpo facilita a criação de vínculos entre o bebê, o ator e os elementos cênicos, tornando a experiência mais envolvente e imersiva.

Helena Amaral, você atuará sozinha no palco?

Sim, a peça será um trabalho solo. Como a proposta do espetáculo dialoga diretamente com os bebês - algo ainda pouco explorado no teatro -, a intenção inicial era dividir a cena com outro ator. No entanto, não obtive êxito na busca por um profissional que se encaixasse na proposta, o que me levou a assumir a responsabilidade da atuação solo.



Qual é a faixa etária contemplada na peça “Teatro para Bebês”?

A dramaturgia da peça foi elaborada para bebês e crianças de 6 meses a 4 anos de idade. No entanto, além dos pequenos o espetáculo também busca

Qual é a faixa etária contemplada na peça “Teatro para Bebês”?

A dramaturgia da peça foi elaborada para bebês e crianças de 6 meses a 4 anos de idade. No entanto, além dos pequenos, o espetáculo também busca envolver e encantar os pais

e responsáveis, criando um espaço de troca e conexão. Do nascimento até os 2 anos, a criança ainda é classificada como bebê. Após essa idade, passa a ser considerada uma “criança pequena”. Por isso, desenvolvi um texto que abrange essa transição e dialoga com crianças até os 4 anos, respeitando suas diferentes formas de percepção e interação com o mundo.

Contato:

Instagram:
@helenaamaraloficial



Helena Amaral é atriz e dramaturga multifacetada. Mineira de nascimento, estudou e atuou em palcos paulistas, como o Teatro Oficina e a Cia. Livre de Teatro, além de participar de projetos no cinema e na publicidade.

De volta a Minas, criou projetos culturais de acesso democrático, incluindo A Mais Forte e O Caçador e o Jabuti. Seu trabalho transita entre teatro, audiovisual e arte-educação, explorando novas narrativas e formas de expressão.



A vida é um tecido complexo, cheio de altos e baixos, de luz e sombra. Para percorrer esse caminho sinuoso, precisa-se da sabedoria do bem-viver - resiliência, perseverança e equilíbrio. Deve-se guardar o amor e amar a si mesmo, o que implica em proteger as áreas mais fragilizadas da alma - cultivar o jardim interior. E valorizar as memórias que são capazes de nos dar consolo, esperança e gratidão.

A resiliência é como a aranha que tece sua teia novamente, após perdê-la. É a capacidade de se levantar, de se reerguer, de se reinventar. É a arte de transformar as feridas em cicatrizes, e as cicatrizes em histórias de superação.

A perseverança é como o rio que flui constantemente, apesar dos obstáculos. É a determinação de seguir em frente, de não desistir, de não se render. É a capacidade de manter a chama da esperança acesa, mesmo quando o vento da desesperança tenta apagá-la.

O equilíbrio é como a dança em torno do fogo, onde a luz e a sombra do movimento das chamas se harmonizam. É a capacidade de festejar a vida e ser feliz, sem perder a capacidade de ser sóbrio e reflexivo.

A sabedoria do bem viver é a arte de guardar o nosso jardim interior, para o que é preciso selecionar quem visita ou faz morada na casa da nossa alma. Precisamos cultivar as boas amizades, valorizar os que nos amam incondicionalmente, e preferir passar mais tempo com os que nos ajudam a crescer. Pois, acima de tudo, devemos promover o nosso bem-estar e cooperar com o dos outros, cientes que o nosso valor não está nas coisas que possuímos, mas sim na nossa capacidade de amar, de partilhar, de sonhar em cada dia. Pois é nesse viver cotidiano

que também estamos sujeitos aos infortúnios, às adversidades, ao desgosto da vida.

As mazelas podem chegar de forma sorrateira ou tempestivamente, e nos tornar como meros sobreviventes de edifícios implodidos, soterrados sob os escombros da dor e da desesperança. O barulho da implosão pode ser ensurdecedor, deixando-nos temporariamente cegos e surdos para a beleza e a esperança que ainda existem ao nosso redor.

Mas, mesmo nos momentos mais sombrios, há sempre uma luz que brilha, ainda que tenuamente, e nos guia para fora dos escombros. E, muitas vezes, essa luz é justamente a presença de pessoas compassivas, que se oferecem para nos ajudar a sair da ruína. Eles são os que nos estendem a mão para que possamos levantar, e nos guiam para fora da escuridão. Eles cooperam na remoção dos escombros, limpam as feridas e participam do processo de reconstrução da nossa alma e dos nossos sonhos.

E, quando finalmente saímos dos escombros, podemos olhar para trás e ver que a implosão pode gerar em nós um novo propósito. Vemos que a dor e a desesperança foram apenas um capítulo da nossa história. Sobrevivemos, tivemos perdas, e precisamos de ajuda para levantar-se e seguir.

Reconstruir a vida, após perdas e decepções, é como um caminho sinuoso, cheio de curvas e desvios. E, às vezes, para seguir em frente e descobrir novos horizontes, e por vezes é necessário abandonar o que nos é precioso e costumeiro. Pois enquanto as dores vão sendo saradas, é importante estar disposto a se mover ou ser movido para novas paragens, percorrer novas estradas, conhecer novas pessoas, e experimentar costumes e modos de vida.

Cada passo que damos para fora da nossa zona de conforto nos levará a um lugar novo e desconhecido. E é lá, nesse lugar desconhecido, que podemos descobrir novas facetas de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Só então,

teremos a chance de ver a beleza das flores, de ouvir a música da vida e de sentir a esperança renascer. É como subir o monte, depois de rolarmos até o abismo, é o ato de determinação de voltar ao topo que nos permitirá mais uma vez ampliar os horizontes. É preciso estar disposto a enfrentar os desafios e a superar os obstáculos que se apresentam em nosso caminho. Mas é lá, no topo do monte, que veremos o mundo com novos olhos. Podemos refletir a vida com maior amplitude, compreender a complexidade da natureza e a profundidade da alma humana.

E quando somos capazes de compreender o caminho que percorremos, podemos descobrir como as dores e as dificuldades nos ajudaram a crescer e a nos tornar mais fortes. Prosseguimos cientes de que a estrada à frente também será repleta de novos desafios e oportunidades. Mas, agora, estamos melhor preparados para enfrentá-los, compreendemos com a experiência, a importância da resiliência, da perseverança e do amor das pessoas que nos ajudam a manter o equilíbrio, incentivando-nos aos bons recomeços. Tornamo-nos mais habilitados para ressignificar as memórias e aprender com elas.

As memórias são como as páginas de um livro, cada uma delas contendo uma lição, uma emoção. São as marcas que a vida deixa em nós, como as rugas que o tempo deixa no rosto. Sem

memórias, nossa existência se perde, se esvai. É como se estivéssemos caminhando por um deserto sem marcas, sem rastros. A memória é o que nos dá identidade, é o que nos faz quem somos.

Ao invés de apagá-las, nossas memórias podem ser “pintadas” como um fundo esfumado, para que as dores e as alegrias se misturem em uma harmonia complexa. Nelas, acharemos a sabedoria e a noção do quanto fomos transformados e restaurados. E, para tanto, convém irmanar à resiliência, a humildade. A humildade é uma qualidade de caráter muito importante para que nossas memórias sejam transformadas em lições valiosas. Ela nos permite ver as mazelas com mais clareza, ajuda-nos a crescer com a dor e a aprender com os erros. Tornarmo-nos pessoas mais aprazíveis, mais sensíveis, e mais fortes.

As memórias têm imenso valor para a nossa essência e identidade depuradas, regam o solo do nosso jardim interior. São nutrientes da gratidão que podemos cultivar com as sombras do passado e com a luz da aurora que traz consigo um novo dia. Podemos reunir os “nossos pedaços de bens e afetos, tecendo-os como um cobertor”; voltar a ser felizes com os que se mantêm ao nosso lado após as tempestades e lançar para o futuro um novo olhar.



ÉLLE MARQUES

É poeta e escritora brasileira, de São Luís - MA. Jornalista, teóloga, radialista, compositora, intérprete e gestora cultural.

CEO da Mundo Cultural World, organiza Coletâneas Internacionais, em vários idiomas. Mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ). Dra. H. C Mult. laureada com as Comendas e títulos. ACADÊMICA AILAP, FEBACLA, AACLIG, e ACLASP SP.

Membro do IICEM RJ e Correspondente na UBE-PE, ALBL e ALB-DF.

Instagram e Facebook @mundoculturalworld

APOSENTADAS CUIDAM DE GALO SEM PÉS EM PASSOS

Leonardo Natalino



Joãozinho no andador improvisado confeccionado por uma parente de dona Antônio / Foto: Arquivo FM



Antônia Amélia Souza, de 86 anos, e a filha dela, Gleida Souza, de 67 anos, encontraram um propósito inesperado ao adotarem como pet Joãozinho, um galo que perdeu os dois pés.

As duas, que são aposentadas e moram no bairro Carmelo, em Passos, improvisaram, com a ajuda de parentes, adaptações para que o animal pudesse se locomover pela casa.

O galo Joãozinho tem oito anos e, na verdade, foi comprado por dona Antônio, há cerca de cinco anos, com uma vendedora no Carmelo por R\$ 100. “A mulher queria me vender um branco, o irmão dele. Eu disse ‘não, não gosto de galo branco, quero aquele amarelo’”, relata.

Joãozinho não é o primeiro galo de dona Antônio que, junto da filha, Gleida, criam outras cinco galinhas e seis pintinhos, mas ele é o primeiro a ser tratado como pet, vivendo dentro da casa das senhoras.

Durante consultas ao veterinário, não são poucos os que se surpreendem ao verem um galo sem pés ser tratado como gato ou cachorro. Alguns até confundem. “O pessoal estranha quando levamos o Joãozinho ao veterinário, alguns dizem que nunca viram um galo. Tem gente que confunde com gato ou cachorro”, diz Gleida.

A ave perdeu o primeiro pé há cerca de oito meses, devido a queimaduras que surgiram no membro por conta do chão quente do quintal durante o período de onda de calor e ausência de chuva na cidade.

“O quintal de casa é cimentado e durante os meses de muito sol e sem chuvas no ano passado ele queimou um dos pezinhos. Chamamos um veterinário que todos os dias aplicava injeções nele. O veterinário disse que não podia operar porque o pé cairia sozinho”, afirma a filha.

“Levamos ele a um outro veterinário que fazia curativos com frequência. Mas, por conta do Benzetacil, o pé secou. Então foi feita cirurgia para tirar o primeiro pé, há oito meses”, explica. Depois de cinco meses, mesmo sem andar no chão quente do quintal, ocorreu o mesmo com o outro pé de Joãozinho, que também foi amputado. Antes de perder os pés, Joãozinho dormia em um colchão na cozinha. Agora, com dificuldade para se locomover, ele passa os dias em uma bacia, onde descansa, e no andador, feito de maneira improvisado por um parente das cuidadoras, onde foram colocadas vasilhas com comida e água.

O cardápio preparado por Gleida para Joãozinho é farto. Segundo ela, o galo “come o dia inteiro”, variando as refeições entre ovo, tomate cereja, alface, canjiquinha, repolho e ração. Gleida afirma que troca a água da ave cerca de 15 vezes

ao dia, devido à predileção dele por água fresca.

Além do andador, Joãozinho pode ganhar outro presente nos próximos meses, já que a família consultou uma empresa especializada em fabricação de próteses para animais, localizada em Barretos (SP). Mas, enquanto a prótese não chega, o galo anda pela casa usando um par de All Star, o primeiro calçado da coleção, que deve ampliar com um de crochê que está sendo confeccionado por uma parente e por uma bota de couro.

Comparado a pets tradicionais, o gasto com Joãozinho não fica atrás. Para remover os dois pés a família desembolsou R\$ 600, além dos custos com injeções e curativos que são feitos cerca de duas vezes na semana, que custam R\$ 35.

Mesmo com todo esse “mimo”, Joãozinho está sem cantar há cerca de 10 dias, o que entristece dona Antônia, que relembra o canto do companheiro. “Ele cantava tão bonito antes. Cantava muito. Agora, tem uns 10 dias que ele parou e não sabemos o motivo”, diz a senhora.



Leonardo Natalino



Reprodução autorizada pela FOLHA DA MANHÃ.



José Carlos Castro Sanches

No sertão do Brasil, onde o sol é quente e a terra é seca, viviam um morcego apaixonado por café e um quati louco por ovo. Eles eram os melhores amigos e compartilhavam uma paixão pela comida simples, mas deliciosa.

Um dia, enquanto tomavam café com ovo em uma pequena fazenda, o morcego disse: “Eu amo café! É como se eu estivesse comprando pepitas de ouro a cada gole!”

O quati respondeu: “Eu também amo ovo! É como se eu estivesse vendendo galinhas para cobrir as despesas!”

Eles riram e se divertiram com a história, até que decidiram viajar para a cidade de Ouro Preto, onde o café era famoso por ser o melhor do Brasil.

Lá, eles encontraram um hotel de luxo que servia café com ovo à milanesa, com sobremesa de lula com galinha ao molho. O preço era mirabolante, mas eles não se importaram.

Enquanto comiam, o morcego disse: “Eu estou comprando pepitas de ouro a cada gole de café!”

O quati respondeu: “E eu estou vendendo uma galinha para comprar um ovo!”

Eles riram e se divertiram, até que decidiram viajar para o carnaval do Rio de Janeiro.

Caíram na farra e contaram histórias mirabolantes sobre café com ovo em Brasília, um planeta desconectado da realidade onde vivem os bichos políticos, juízes e ministros loucos por dinheiro e poder.

“Eu ouvi dizer que em Brasília, o café com ovo é servido em copos de ouro maciço!”, disse o morcego.

“É verdade!”, respondeu o quati. “E os bichos políticos pagam com dinheiro público!”

Eles riram e se divertiram, até que decidiram voltar para o sertão, onde o café com ovo era simples, mas delicioso.

Moral da história: A fábula do morcego e do quati nos deixa uma lição importante: A verdadeira riqueza não está no dinheiro ou no poder, mas na simplicidade e na amizade.



José Carlos Castro Sanches.

É Consultor de SSMA da Business Partners Serviços Empresariais – BPSE.

Químico, professor, consultor, escritor, cronista, contista, trovador e poeta maranhense. Membro Efetivo do PEN Clube do Brasil, da Academia Luminense de Letras, da Academia Maranhense de Trovas, da Academia Literária do Maranhão, da Academia Rosariense de Letras Artes e Ciências, da Academia Maranhense de Ciências e Belas Artes, da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão, da Federação das Academias de Letras do Maranhão, da União Brasileira de Escritores, da Associação Maranhense de Escritores Independentes.

Membro correspondente da Academia Arariense de Letras Artes, da Academia Vianense de Letras e da Academia de Ciências, Letras e Artes de Presidente Vargas.

Tem a literatura como hobby.

Para Sanches, escrever é um ato de amor e liberdade.

Contatos:

E-mail: jccsanches26@gmail.com

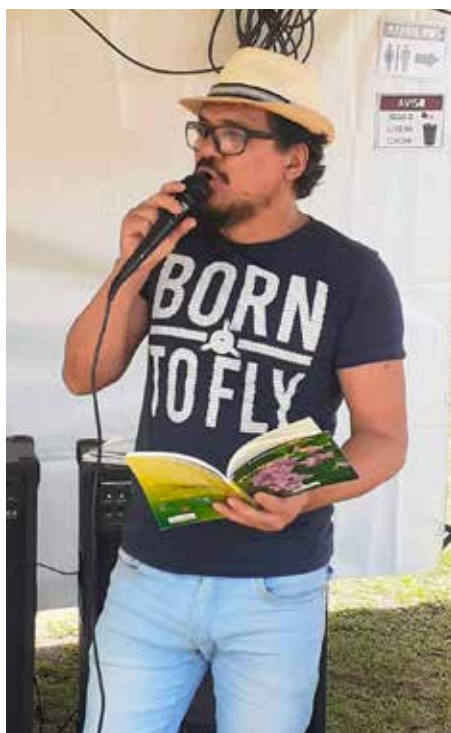
Rádio: <https://falasanchesradioweb.shop>

Site: www.falasanches.com



Não quero um amor fugaz
temporário
inconstante...
desses amores que chegam,
desses que passam,
desses que somem
deixando feridas abertas.
Quero um amor que dure
pelo menos
por uma eternidade inteira.
Não quero um amor de agora.
Quero um amor que fique
quando todo o resto for embora.

Fábio Gonçalves



Fábio Gonçalves é mineiro de Água Boa (Claro dos Poções) MG. É professor, artista plástico, escritor, poeta e contador de histórias.

Licenciado em Letras, pós-graduado em Supervisão e Orientação Educacional e Mestre em Letras. Publicou 6 obras: Cristais (1999), Do Fundo do Poço (2004), Anjo, Retratos de uma Paixão (2009), E aí, Bicho? (2013), Lalá, a Lagartinha Mágica (2018) e Sentidos (2023).

Participou de várias bienais do Rio e de São Paulo, além da FLIP (Paraty/RJ).

É membro das seguintes academias: Academia Mineira de Belas Artes, Academia de Letras e Artes de Valparaíso, no Chile, da Academia de Letras do Brasil, Academia Luminescence, da França e Academia de Letras e Artes do Rio de Janeiro.

Participou de várias antologias nacionais e internacionais e recebeu dezenas de prêmios literários.

VIDA

Lalita Babs (Laís Berigo)

Esses dias fui a um velório de uma conhecida da minha família. Uma mulher que vi apenas uma vez, pouco conheci, mas certamente muito viveu. Silviane e eu temos uma diferença considerável de idade, eu sou uma adolescente, ela era uma senhora.

Após a escola meu pai me levou ao velório, a cada passo mais próximo, eu sentia o ambiente pesado abalar minha alma. Me lembra que mulheres (não só mulheres, mas todas as pessoas) nascem e morrem a todos os momentos.

Mesmo tendo conhecido tão pouco dela, já é uma grande inspiração para mim. E me vem à mente que mulher é mulher, independente do século, independente da idade, independente da cor, da crença, independente de onde veio, do quanto tem na conta do banco... Mulher... Mulher é vida. E, uma mulher como ela me inspirou a escrever esta crônica.

Ao escrever, tenho o intuito de recordar à memória de algumas mulheres, que me influenciam e mudaram o mundo, outras seguem mudando.

Uma das minhas inspirações, mesmo eu não sendo negra ou matemática, Katherine Johnson me inspira muito. Pois se ela não estivesse no páreo, o homem americano dificilmente teria chegado ao espaço sideral. Ela é um exemplo, ela é uma mulher. Mulher é superação.

Um pouco mais atrás, Ada Lovelace foi a primeira a escrever um código de computador,

não apenas a primeira mulher, mas a primeira pessoa no mundo, viveu durante o século 19. E Hedy Lamarr, além de uma atriz renomada, foi quem introduziu a ideia do Wi-Fi, sem esperança naquela época, mas hoje sendo usado no mundo inteiro. Mulher é inteligência.

Minha mãezinha, me criou e me apoiou, amou, e, além de tudo, outra que me inspira. Fernanda Torres, premiada, e gritei horrores na premiação do Oscar quando escutei "I'm... *gritos meus misturado com* Still Here" (Tradução do filme Ainda estou aqui para inglês) - minha mãe, por sua vez, fez um "hã?!", chocada com o tão sonhado prêmio internacional. Pois, Mulher é artística.

E, para finalizar, vou listar três mulheres históricas que amo, Rute, Ester e Maria. Rute tinha um amor imenso por sua sogra, quem ela cuidou com tanto zelo, e foi abençoada com um marido, logo após perder o seu. Ester, além de bela, era sábia, libertou um povo de uma opressão pesada do conselheiro de seu rei, e, ela sendo rainha (depois de escolhida pelo rei), usou seu posto não para sua própria satisfação, mas para o que era correto. Maria, era alguém pura, não deixava de ser pecadora, mas, como lembrada no Natal (e em outros momentos do ano pelos católicos e semelhantes), gerou uma criança que simboliza o começo de algo grande. Porque Mulher pode ser usada para grandes projetos e ambições.

E, principalmente, Mulher é amor.



Lalita Babs ou La.B, pseudônimo usado na internet de seu nome Laís Berigo, é uma adolescente brasileira (16 anos) que começou a efetuar suas obras em 2022, mas, há uns anos, já escrevia por volta de 10 anos, quando tinha o sonho de criar um blog com histórias criadas por ela. Foi inspirada por amigos, família e escritores, assim começando alguns de seus livros. Possuidora de uma vocação artística em áreas além da escrita, faço pinturas de quadros, desenhar, compõe músicas, canta e toca instrumentos: violão, bateria e teclado. La.B é autora de gêneros textuais narrativos, não dispensando uma nova experiência ao criar.



SOFIA VARGAS

João André Neto, filho de Silvana e do dr. Ricardo, o casal mais rico da cidade.

João era um menino que se achava o dono do mundo, tinha o celular de última geração, um quarto enorme e até mesmo um cinema dentro de casa, estudava na melhor escola da região, pense em um menino mimado...

Na escola era o terror de muitos, desmerecia e era preconceituoso por se achar melhor do que os outros. E o que os outros podiam fazer? Reclamar na diretoria? Impossível... Além de ser mimado pelos pais, João mandava na escola, se ele reclamava de algo, a escola fazia de tudo para agrada-lo. Muitos saiam da escola por não aguentar ficar perto de João.

Com 12 anos, João André Neto tinha a vida perfeita e muito invejada. Mas tudo se fez novo, João não era mais uma criança, agora tinha 21 anos. Responsabilidade? Ele ainda era bancado pelos pais, sua vida se resumia a amigos falsos e festas, como ele era feliz...

Até o dia em que seus pais infelizmente faleceram. E como maior surpresa, João descobriu que pouco antes de morrer, seus pais haviam falido!

Como o João André conseguiria arcar com as responsabilidades sozinho? Ele era uma criança em corpo de adulto. Seus prazeres falavam mais alto do que suas próprias responsabilidades, nele não havia a sabedoria alguma, como ele encararia os problemas mais simples da vida, seus pais me ensinaram alguma coisa? Ele usaria os pais de exemplo? Seu trabalho assim como sua escola também faria tudo que ele mandasse? Afinal o que era a vida adulta? O que era a vida?

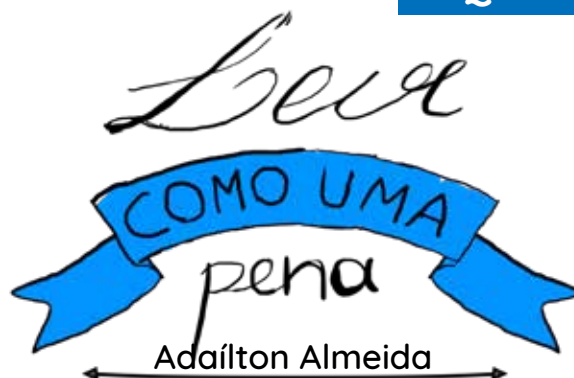
Foi então que João André Neto, teve que arcar com tudo sozinho teve que aprender tudo de mais simples, e nesse instante ele percebeu, que todos aqueles bens materiais que ele tinha não eram nada comparados a sua pobreza espiritual, e o que era de mais valioso João André nunca teve em sua vida, o amor a atenção e o ensinamento dos pais...

Vida triste de João André Neto, e pensar que milhares de pessoas vivem como ele...



Sofia Vargas

Desde de muito nova, Sofia sempre gostou de ler, desenhar e principalmente de escrever. Escrevia sobre tudo que ocorria a sua volta. E agora está realizando seus sonhos escrevendo histórias infanto-juvenis



O dia foi um parto, a manhã pariu o sol bem cedo, o galo cantou como um despertador, e todos da fazenda despertaram.

O cheiro do café coado aqueceu os pulmões, encorajando todos a tomarem as rédeas de suas tarefas. Não havia protestos, o dia começava bem cedo por lá, e cada um estava incumbido de uma função.

Miriam, por ser a caçula, tinha o trabalho mais gentil: alimentar as galinhas. Nem por isso era de menor importância, pois como dizia sua mãe, as aves faziam milagres para a família, que dependia de sua venda para comprar outros mantimentos para a casa.

Naquela manhã, a garota não fez corpo mole, levantou-se disposta, calçou as botas que eram um pouco folgadas para os seus pés, e foi de encontro ao seu ofício. Atravessou a porteira, em ritmo de quem segue uma procissão e entrou no galinheiro, o seu espaço sagrado de todas as manhãs. Lá estavam dezenas de bichos abobalhados, com olhos ansiosos mirando a cesta que a menina trazia em mãos.

Rodeada pelas aves, começou a jogar punhados de milho no chão, tomando cuidado para não se desequilibrar em meio à disputa. Vez ou outra conversava com elas, mesmo sabendo que elas não podiam compreender suas palavras, depois de algum tempo naquela atividade, já sabia o temperamento de cada uma.

As galinhas só tinham o milho para lutar, ela não, ela sabia que a sua responsabilidade era maior, mesmo pequena, por isso encarava o labor com muita seriedade, apesar de achar divertido.

O pai vivia aperreado quando as vendas não iam bem, por isso engordar bem as galinhas era

como ter em suas mãos a missão de tranquilizar o pai, que não tinha muito tempo para ouvi-la. Se o pai estivesse em paz, as coisas iam bem, sua mãe cantarolava e fazia bolo de aipim, ela podia ir à cidade e até ganhava roupas novas.

Brincar de gente grande não era tão ruim, o peso da sua responsabilidade era o peso das aves, e não reclamava disso, vivia feliz.

Contudo, naqueles dias, estava preocupada com Lola, a galinha de penas ruivas. Simpatizava com o bicho, principalmente pela sua educação, porque era a única que não entrava em disputa com as outras, esperava a sua vez para comer e ciscar. Porém acabava por não ganhar peso, pois comia pouco, apenas o que sobrava.

No começo a menina achou que a galinha era muito tola, porém com o passar do tempo se convenceu de que na verdade Lola era muito esperta, pois quanto menos engordava, menos chances tinha de ser vendida na feira e acabar na panela.

Isso não significava que o bicho era inútil, pois tinha uma qualidade muito bem vista por Miriam, era uma exímia chocadeira, zelava pelos ovos que botava e também pelos adotivos, qualquer mão boba que se atrevesse aproximar da prole levava uma bicada.

Naquele dia, porém, mesmo rodeada pelas aves, o galinheiro parecia oco, foi então que a garota percebeu que até então não havia escutado o cacarejo de Lola.

Subitamente, após se dar conta que era domingo, dia de galinhada, a menina correu para a casa, temendo que Lola fosse o almoço do dia.

Chegou no exato instante em que sua mãe depenava uma ave, mas para seu alívio as penas eram brancas.

Foi então que a porteira se abriu, e avistou o pai vindo em sua direção, carregando Lola nos braços. O homem disse à esposa que todas as galinhas tinham sido vendidas na feira, exceto a galinha magricela.

Miriam se sentiu leve como uma pena.

“Pai, por favor, deixe a Lola viver, ela é diferente, não é como as outras”. Disse a menina ao pai. Este por sua vez, fitou os olhos bobos do bicho, não vendo diferença alguma. Antes de entregar o animal à filha, quis saber o porquê daquela ideia de protegê-la.

A menina então respondeu que era Lola quem criava os pintinhos que mais adiante seriam vendidos, quando crescessem, e que era a galinha que trazia paz para a fazenda.

Convencido, desde aquele dia o homem passou a olhar o bicho com outros olhos e a ouvir mais vezes a filha.

Adailton Almeida



Adailton Almeida nasceu em 1992, em São Caetano do Sul/SP. É advogado, graduado em Direito pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Atualmente, cursa Letras na Universidade Federal de Lavras.

Escritor premiado em concursos literários nacionais, no gênero prosa e poesia. Autor do livro “Poesias Inusitadas” (2023), vencedor do “Prêmio Resistência 2023”.



MINEIRICES

NA SEMANA SANTA

Gleisson Klebert de Melo

A poeira suspensa no ar tinha uma causa. Senhoras e mocinhas com suas vassouras de alecrim do campo varriam a porta da igrejinha. A semana santa estava às vésperas. Entre varridas no vai e vem das vassouras indagavam entre si, quem seria o missionário daquele ano a animar os festejos, as procissões, as caminhadas penitenciais e demais eventos da intensa semana de fé. Na comunidade, às margens do Rio Pará, todos os anos se ajuntavam moradores dos arredores. O trabalho na roça era interrompido, carros de bois chegavam com latas de mantimentos, gordura, queijo, cachaça para sábado de aleluia. Famílias vinham completas, pai mãe crianças e mocinhas casadoiras cheias de piedade e olhares curiosos. Tia Marta arrumou seu marido no sábado da aleluia, depois de namoriscarem olhando-se em cada procissão, via-sacra e atos paralitúrgicos. Ouvia essa história desde menininha. “Quem sabe não arrumo o meu!”, pensava Dorinha com seus botões e sua medalhinha de Santo Antônio na idade das ilusões.

As casas recebiam faxina, suas janelas abriam-se a luz e novos ares. Era sábado das Dores. Todos tomavam banho, inclusive os cachorros. Tinha terço em veneração a Nossa Senhora das Dores na pequena capela da Imaculada Conceição no sábado a noite. Após o terço comadres tricotavam no largo da Igrejinha. E os homens se reviam entre caçoadas e goles de pinga escondidos no sábado que antecedia Ramos.

No dia seguinte o sol nascia com os aromas da laranjeira, do alecrim, da palmeira, do manjerição da alfavaca e outros ramos que depois da procissão e benção dos mesmos, passavam a ter poderes mágicos contra maleitas e “má loiados” Era domingo de reza, procissão e via sacra de leitura comprida do evangelho, de gritar como povo: crucifica-o! Crucifica-o! A meninada achava graça e eram os que mais gritavam com entusiasmo.

A semana era recheada de quitanda boa, de tempo ocioso, de reza que só se rezava uma vez

no ano. Não faltavam penitenciais caminhadas antes do sol nascer. UM dia com terço outro com via sacra. Iam para serra, mina d’água ou no alto do cruzeiro. Meditando na ida, tricotando na volta. A maioria mulheres, poucos homens e muitas crianças. Era programa certo de brincadeiras, volta e meia cortadas por algum puxão de orelha da mãe, avó ou tia. A matraca cantava seu canto penitencial convidando ao recolhimento e reflexão.

Nas noites da semana santa distribuíam as procissões com as imagens de tamanho natural, Jesus Senhor dos Passos e Maria Dolorosa, João Evangelista as vezes. Mulheres carregavam as imagens de Maria, os Homens de Jesus. Na segunda levavam Jesus ao pretório e Sebastião, piedoso e letrado senhor, líder na comunidade, fazia seu sermão entusiasmado, do ato de lavar as mãos como Pilatos, da culpa dos inocentes como Jesus. Seu entusiasmo enchia os corações de contrição, emoção e a outros de risos por seus movimentos mussolínicos.

As procissões, realizadas em duas alas, precedidas pelos tocheiros e o cruciferário eram muito concorridas, um misto de gente piedosas a rezar, cantar e andar descalços. Tinham as irmandades em alas próprias, com seus estandartes e os irmãos e irmãs com suas faixas e medalhas distintivas. Mas também tinha namoricos, olhares de malícia e carícia entre os solteiros e viúvos, e muitos homens e mulheres negociando terra, porco e galinha.

Na terça santa tinha terço e procissão com a Virgem Dolorosa com seu resplendor de prata e punhal cravado no peito. Representava Maria pelas velas de Jerusalém aflita a procura de seu filho. Tinha sempre um menino a dizer para mãe que N. Sra. parecia com ela. Mas não faltava também quem dela tivesse medo com seu manto roxo e olhar tristonho. Mas medo mesmo dava na meninada toda era a imagem do Senhor dos Passos. Olhos grandes, rosto ensanguentado com coroa e uma cabelereira despenteada.

Faltava padre, quando podiam tinha lá um missionário ou seminarista a animar os festejos e atos religiosos. Certa vez na quarta santa, apareceu por lá meio que de para quedas um missionário estrangeiro. No que pediram veementemente que fizesse para o povo um sermão bonito, que emocionasse, do encontro de Jesus e Maria na via crucis. Sem muito contato com aquele tipo de cultura, mal orientado que fora por um colega brasileiro, fez um de deixar marcas indeléveis. Que até hoje o povo repete entre risos comidos e gargalhadas nada pudicas. “Coitadinha da Maria, coitadinho da seu filhinho. Todo mal cuidado, todo maltrapilho, todo arranhado, parece que brigou com os gatos!”

Na quinta tem padre que vem celebrar a tarde uma missa as pressas, agenda cheia. Sapeca ali suas obrigações que ninguém mais pode fazê-lo. Atende um outro em confissão e foge antes do sol se por no lombo de seu jumento com outro ao lado com os apetrechos da vida sacerdotal. Segue seu caminho noutra capela, noutras paragens. Mas não sem antes de um farto café, dos quais uns e outros, principalmente a meninada, fartam-se juntos de biscoitos, broas e bolos oferecidos ao vigário.

A noite fazem lá um tetro na porta da capelinha, um fiel com ares de Jesus lava os pés de doze, entre jovens e senhores, a representar os apóstolos. Gésus tivera a sina de um nome que lhe valeu por muitos anos o papel de Cristo nos atos da semana santa. Quinta era dia de seus murmúrios. Beijava como manda a tradição, os pés que de alguns, nada asseados dava-lhe reboliços no estomago. Mas era pensar em reclamar, nas vésperas dos eventos, que sua avó América, piedosa octogenária, e que mantinha o santo temor das coisas da religião, vinha-lhe corrigir a fala nada piedosa. “_Meu neto, não diga uma coisa dessa, Deus castiga. Deixe de ser orgulhoso. É preciso ser manso e humilde de coração nessas horas. “

Na sexta feira, o mais denso dia da semana, envolto em mistério, respeito e fé, sem contar as credices. Os currais leiteiros tinham mais gente que a via-sacra da madrugada neste dia. Retireiros tiravam o dia como santo de guarda. E o leite das vacas era gratuito. Muitos se fartavam, faziam arroz doce, doce deleite e outras coisas mais.

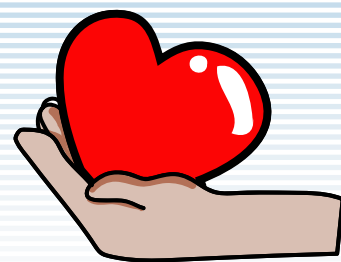
Nesse dia, muitas senhoras não varriam a casa, não comiam carne nem usavam faca. Cortavam a unha para prevenir de dor de garganta ao longo do ano. Tampavam os santos, os espelhos e guardavam o silencio. Alguém mais espevitado, que ousasse levantar a voz por uma empolgação que fosse, era logo sufocado pela interjeição do silêncio: “_Shiuuuu!, hoje é Sexta-feira da Paixão.” Na procissão do enterro, a mais concorrida delas as alas eram enormes e tinha sermão comprido das sete palavras. Tinha os figurantes da história da salvação. De Adão e Eva até João Batista e outros personagens do tempo de Jesus. “Quem será que será o Adão desse ano? Sempre tinha um a perguntar. Esse cristão era o que mais penitenciava-se visto que só usava uma tanga de folhagem na noite fria da Paixão com sereno e friagem do Rio Pará.

Enfim o sábado da Aleluia. Era dia da desforra. O jejum de quarenta dias era quebrado, seja de doce, de cigarro, de cachaça ou de falar mal dos outros. Ébrios sequestravam folhagens e outros pertences da casa. Os donos para requererem, tinham que pagar. O montante de dinheiro dos sequestros era convertido em bebidas e comidas, mais as primeiras que as segundas, para longa farra nas ruas.

Concluídas com a malhação do Judas ou o almoço santo da páscoa. Hora de volta pra roça no carro de boi.



Gleisson Klebert de Melo é natural de Santana do Jacaré/MG, e Passense desde 2007. Tem 02 Livros Publicados: “Cidade Menina” e “Deus me livre e outras histórias”.



“Tudo o que vem do Alto vem agradecer-nos. Tudo o que vem de Cima, vem de Deus. Mas nem sempre conseguimos agradar a todos. E nem sempre podemos auxiliar a todos. Alonso y Alonso – psicofonado pelo Médiun Joao Berbel, do livro DR. ALONSO, medico dos pobres”

Na fila de uma casa de caridade meus ouvidos levam ao meu cérebro algo que me chamou atenção e, me virando para trás com intuito de continuar a ouvir e participar da narração, percebi que a pessoa tinha emoção em tornar o fato público.

Prontamente me colocou no diálogo e passou a se dirigir a mim e ao outro ouvinte. Percebi que outros aguçavam o sentido para se inteirarem também.

- Gente, o que ouvi semana passada me fez crer mais ainda que podemos ser plenamente atendidos na fé – Disse o narrador, continuando...

... Um senhor aqui veio, sem deixar que sua esposa e filhos pudessem saber, fez a consulta trazido por um amigo, que também o auxiliou dirigindo quando de seu procedimento pois se sabe que não é permitido conduzir veículos, nos orientam ter repouso absoluto nos primeiros dias e, por um período definido até que estejamos curados daquele mal que aflige as pessoas que procuram uma graça e, a **FE** se torna o fator mais importante. Mas, após o repouso inicial, *morador de propriedade rural, se viu obrigado a montar em um de seus animais* e realizar uma tarefa, mesmo que de pouca importância... pois bem, sentiu um desmaio, caiu do animal e um de seus filhos felizmente o encontrou levando a capital em situação de urgência. Lá, operado imediatamente pois apresentava grande processo hemorrágico, os médicos que realizam o procedimento cirúrgico se impressionaram com o que viram, e haviam formado uma junta medica que a tudo

assistiu, procuraram os familiares, esposa e os filhos, que aguardavam a liberação de seu ente querido no quarto do hospital e aquele, que parecia o médico responsável e que liderava a equipe, falou:

- Aconteceu com este pai de família nos chegou aqui na unidade apresentando um quadro hemorrágico e, ao realizarmos o seu atendimento de urgência, após exames que assim indicava, verificamos que haviam vários pontos rompidos internamente e nenhum sinal externo de cirurgia, nem recente e nem realizada em tempo algum. Como podem nos explicar tal fato, indagou.

A família se entreolhou e sinalizou com gestos de surpresa.

Ao que insistiu um dos profissionais de saúde que atenderam a emergência e a esposa finalmente, após o susto inicial, respondeu:

- Não sei dizer, meu esposo não realizou em tempo algum, qualquer cirurgia. Sempre foi um homem forte, trabalha duro na lida diária em nosso sítio, não sei realmente o que dizer.

Neste exato momento eis que o enfermo começa a dar sinais de que voltava da anestesia e, surpreso, parecia não se localizar, até que aos poucos foi se dando conta de que estava em um quarto de hospital e lhe doía próximo de seus órgãos como o intestino e um pouco mais acima, o que foi imediatamente percebido pela junta medica ao vê-lo levar uma das mãos a região.

- Pois sim querido, disse a esposa, querendo explicações.

O senhor, ali na cama de hospital, local que nunca esteve antes, a não ser em uma maca por alguns poucos minutos onde havia optado por ir à procura de atendimento das dores que nunca

reclamava aos seus, percebeu que chegara o momento de elucidar tudo a seus familiares e aos médicos ali presentes, que haviam encostado a porta para não atrair curiosos e pessoas alheias aquela revelação, embora os profissionais, com crenças diferentes em termos de religião seguida, mas com o sentimento único de um ser supremo que tudo pode, quando se há ainda o tempo de oferecer, através de cura (e não milagre, pois este não existe), acontece realmente, disse meio que constrangido:

- Minha velha, meus filhos e os senhores doutores. Tenho que revelar a todos que três semanas atrás realizei em uma casa de fraternidade, um procedimento cirúrgico Espiritual em razão de fortes dores que sentia, também lhes escondi estes incômodos... mas não cumpri o que me orientaram e pediram que fizesse dentro de minha recuperação, assim como a medicina terrena recomenda normalmente. Me desculpem!!!

Os médicos, participantes da junta medica, se entreolharam e um deles, exatamente o líder, esboçando uma tranquilidade porque, ao convocar os demais colegas de profissão já sabia dizer o que ocorreria, mas queria levar a efeito da

comprovação, e para que os demais pudessem ter o fato dado como claro, falou:

- Com toda a certeza, convicção, **fé** e clareza lhes afirmo, que dizem move montanhas, através de seu desejo meu senhor, lhe proporcionou a cura esperada do que afirmou ser um incomodo, a que chamamos de ... (dizendo o nome da doença e da necessidade de procedimento cirúrgico). Se todos achamos que temos um Anjo da Guarda, pode ter certeza que ele o conduziu aquela casa de caridade, e isto se espera de todos nós, **PROMOVERMOS A CARIDADE**, descrito nas sagradas escrituras.

Um dos filhos, pegando as mãos do pai, as apertou e expressou o que sentia naquele momento:

- Deus existe e colocou o seu filho Jesus, que durante sua vinda a terra, pediu que seus seguidores, fizessem caridades como esta que aconteceu com o senhor meu pai. Só temos a agradecer por isso, dissertou.

Os médicos, a pedido da esposa agradecida, juntamente com os dois filhos fizeram a **ORACAO QUE DEUS NOS ENSINOU...**

Carlo Montanari,

um contador de “causos”, possui 9 livros editados e mais de 80 participações em antologias. Editou livros de contos, infantis e espirituais.

Tem várias premiações no Brasil e no exterior, como Troféu Especial Camões, em Leria-Portugal, Troféu Carlos Drumond de Andrade, em Itabira-MG, Prêmio Melhor Livro Infantil, em 2022, pela Associação Internacional de Escritores, dentre outros...

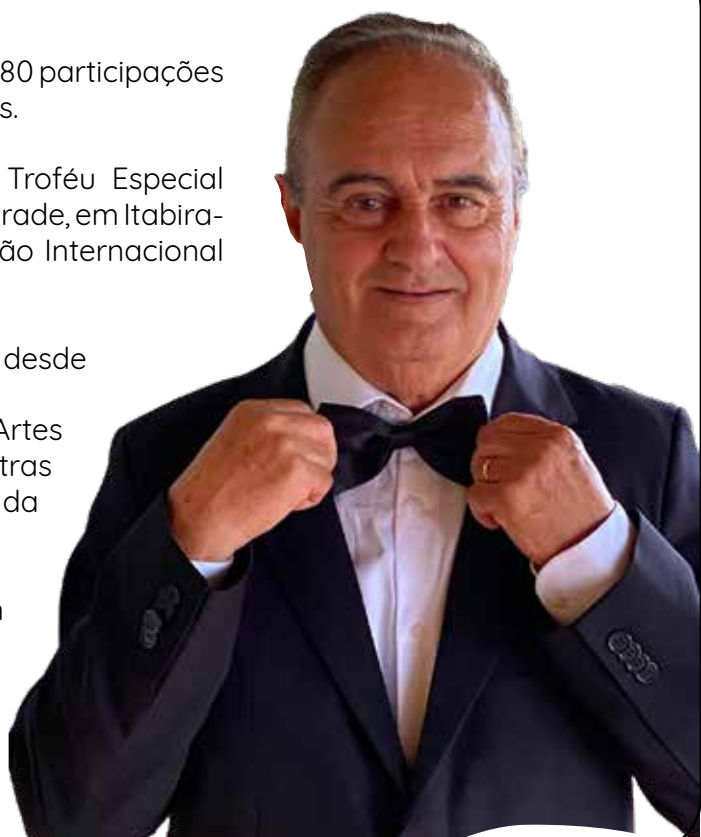
É criador do projeto Semeando Livros Mundo Afora, que desde 2013 doa livros por onde passa.

Acadêmico Fundador da Academia de Ciências, Letras e Artes da Itália, é membro do NALAP - Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal, Acadêmico da Academia de Letras da França-Paris, dentre outras. E por aí vai...

Fundador da Revista ARDEIA, nos anos 70, que agora, em 2024, foi relançada em formato digital.

Contate o autor:

Whatsapp +55 (35) 9 8424-4822



MINICONTO

Alberto Calixto Mattar Filho

Aristides Gouveia era homem admirado no meio em que vivia. Protético muito bem-sucedido, dele se socorriam muitos dentistas em sua cidade, o pujante município de Dálias, no interior do Paraná, de quase 120 mil habitantes.

Não parecia estar com seus 59 anos de idade. Em razoável situação financeira, fruto de anos de trabalho e economias, chegou a conhecer vários locais do Brasil e alguns do exterior. Tinha uma única filha, Laura, pediatra de renome em Dálias, e de sua mulher, Maria Tereza, professora universitária aposentada, nada podia reclamar. Ótima companheira, sempre lhe dava forte apoio em quaisquer atividades.

Presença constante em inúmeros eventos, com vasto círculo de amizades, Aristides era católico fervoroso, assíduo em missas, pastorais e outras entidades, além de grande participante nas campanhas filantrópicas em sua terra. Não havia quem ousasse lançar-lhe máculas no currículo.

Popularidade em alta, tornava-se natural que recebesse assédios de grupos políticos para integrar a Câmara Municipal ou a Prefeitura, quem sabe até uma cadeira na Assembleia do Paraná, tamanhas suas relações e serviços voluntários prestados à Igreja e à sociedade.

Resistia, no entanto, a aceitar cargos públicos, a despeito dos fluxos de tentação vaidosa. Talvez no próximo pleito viesse a dar o esperado sim aos insistentes pedidos de filiação e candidatura. Mas, por ora, preferia continuar no topo de mais uma das várias entidades privadas de Dálias, sobretudo os clubes sociais. Estava no terceiro mandato de um desses. Reconhecia-se por todos os cantos que Aristides Gouveia era um entusiasta das instituições.

E não é que, de repente, meio que do nada, após uma noite de sono, e logo no café da manhã, o admirado e prestativo homem quase faz Maria Tereza sofrer um colapso, ao lhe dizer, após

minutos de silêncio, que estava jogando tudo para alto a fim de sair sem rumo pelo mundo, sozinho e livre de amarras. Dinheiro para começar a nova caminhada ele possuía, e se algo faltasse no transcurso da aventura, procuraria se virar como pudesse.

Claro, deixaria uma boa reserva para Maria Tereza. Já não possuíam grandes despesas. Ela gozava sua aposentadoria, os aluguéis do casal, e a filha Laura poderia ajudá-la se preciso fosse. Após imaginar que tudo não passava de pequena brincadeira do marido, Tereza percebeu a seriedade do propósito e, aos prantos, começou a questioná-lo e pensou até em se socorrer dos vizinhos e amigos. Nada adiantou. Nenhum apelo o demoveu. Aristides partiria.

É que ele fora acometido de uma terrível doença que atacava em fração de segundos e alterava toda a vida do sujeito. A doença da descrença. Isso mesmo. Um mal até então recente, cujas estatísticas demonstravam que a pessoa se tornava tão arredia e libertária que só lhe restava correr loucamente mundo afora.

O bom Gouveia agora desacreditava de tudo e de todos. Dos políticos, das entidades que presidiu, das religiões e do Papa Francisco, antes seu grande ídolo. Afastava-se, pois, de Deus e dos princípios da educação. No campo da saúde física e mental, não confiava mais nos médicos e nas receitas de bem-viver, logo ele, um mestre da autoajuda e do incentivo nas antigas pastorais.

Desprezava amigos, artistas, sindicalistas, historiadores, liberais, conservadores, democratas, ditadores, escritores, desembargadores, advogados. Desacreditava os machões homofóbicos e a nova horda de gays e trans em busca de igualdade.

Não tinha fim o rol de descrenças. Não acreditava em empresários consolidados ou emergentes. Não podia nem ouvir o nome Lula, Dilma, Aécio ou Marina. Não podia ouvir nomes da mesquinha

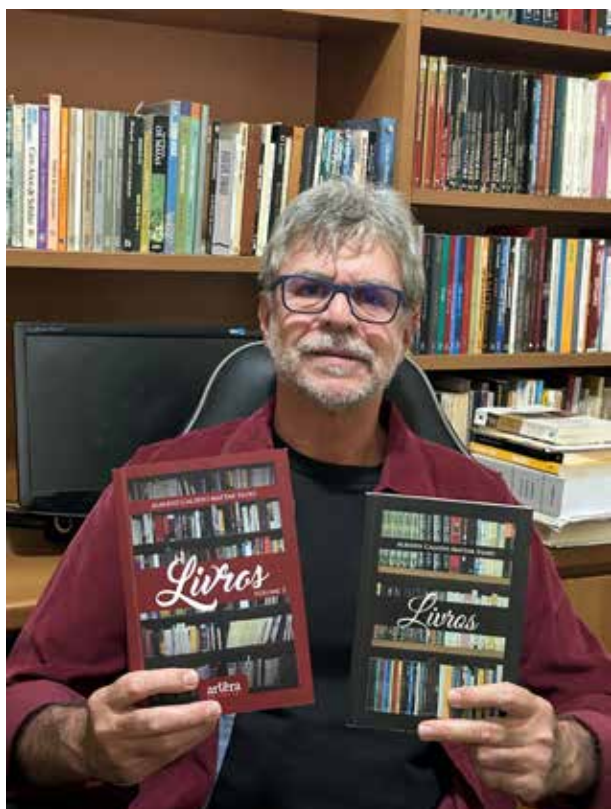
política de Dálías. Se alguém lhe falasse em futebol – por sinal, torcedor fiel do Palmeiras por décadas –, isso lhe dava urticárias, e Felipão, Murtosa e Parreira lhe causavam imenso tédio. No fundo, não acreditava em si mesmo.

Passaram-se cinco anos e pouco de que fora acometido pela doença da descrença.

Estudos alertavam que o início da chaga era fulminante, mas que, no decorrer dos tempos, os

efeitos talvez se abrandassem, até que a vítima caísse em si e voltasse ao normal. Meras teses sem comprovação efetiva.

Foram atrás de Gouveia. Ele realmente tinha penetrado mundos. A última notícia que obtiveram é que um sujeito maltrapilho, de longas barbas brancas e cajado em punho, vociferava solitário em gélida noite do Saara, quando alguns beduínos o arrastaram a uma cabana.



Alberto Calixto Mattar Filho,

é natural de Passos-MG, é formado em Letras e Direito, com carreira na Justiça do Trabalho também de Passos, e possui dois livros de resenhas literárias publicações, Livros, com 50 textos, e Livros, volume 2, com 60 textos. Siga seu perfil no Instagram e Facebook.



Luiz Gonzaga Fenelon Negrinho

Era um menino. Não um herói de filme, nem um personagem de fábula. Era carne, osso e esperança. Com os olhos de quem já vira mais do que deveria, e os pés rachados da calçada quente da vida. A escola, um sonho interrompido pelo despertador da realidade: mãe doente, pai ausente, dois irmãos famintos e um coração cheio de urgência. O menino descobriu no chocolate — doce ironia — a chance de amargar menos o cotidiano.

Com o aval silencioso de quem via no pequeno empreendedorismo uma tábua de salvação, pôs-se a vender os tabletes nos sinais e nas portas das lojas. Era um trabalho honesto, ainda que aos olhos da lei, proibido. Sim, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) proíbe o trabalho infantil. Mas quem ampara o menor quando o Estado se ausenta e o prato está vazio?

Foi então que o Estado, em sua faceta mais cega e fria, apareceu. Não para acolher, mas para repreender. A lei, letra dura, ignorou o contexto. O Conselho Tutelar o recolheu, perguntando por um responsável. Mas a mãe, entre lençóis e medicamentos, não podia nem sequer levantar da cama. Não era ausência por descuido — era fragilidade.

Três caixas de chocolate foram apreendidas, causando um prejuízo de R\$30,00. Um rombo simbólico, mas cruel, no orçamento de quem vive de moedas. O menino saiu dali com menos do que entrou. E a lição que aprendeu foi a pior: a honestidade, às vezes, é castigada.

No dia seguinte, a fome voltou. O medo também. Mas o desespero falou mais alto. E foi ali, na esquina onde a esperança costuma cochilar, que apareceu o convite: um trabalho mais “rentável”, sem barraquinha nem chocolate, mas com risco e pressa. O menino aceitou. Porque a necessidade fala em voz alta, e a moral cochicha em voz baixa quando o estômago ronca.

Veio o dinheiro. Rápido, mais do que o chocolate jamais renderia. Vieram os remédios da mãe, o caderno da irmã, o leite do irmão. E veio, também, o fim: a polícia, as algemas, o rótulo. Era menor, sim, mas portava droga. A lei, desta vez, não pôde fazer vista grossa. O destino, antes encharcado de suor infantil e chocolate derretido, agora se via coberto por um véu de culpa social.

Onde está a culpa? No menino, que tentou viver com dignidade? Na mãe, que adoeceu? No pai, que sumiu? Ou no Estado, que soube aplicar a lei, mas não soube cuidar da vida?

Esta crônica não é sobre um crime. É sobre a ausência. Sobre a falência do amparo. Sobre a ironia de um sistema que fecha os olhos para o sofrimento, mas os abre para os regalados diante do erro.

Que a Justiça, em sua mais nobre missão — a de ser humana — repense os caminhos. E que o chocolate, um dia, volte a ser só doce.

Só doce, sim — que se dispense o amargo.



Sou Luiz Gonzaga Fenelon Negrinho, brasileiro, casado, advogado e cronista. Nasci em Passos, Minas Gerais, no dia 31 de dezembro de 1953. Sou advogado por formação, com mais de 30 anos de atuação profissional na região Centro-Oeste de Minas Gerais. Além disso, dedico-me há mais de meio século à escrita de crônicas, colaborando regularmente com jornais como a Folha da Manhã, de Passos, e O Pergaminho, de Formiga, entre outros.

(luizgfnegrinho@gmail.com)



A Igreja Católica definiu seu novo líder na tarde desta quinta-feira, 8. Robert Francis Prevost é o primeiro papa norte-americano e o primeiro pontífice vindo de um país de maioria protestante. Prevost adotou nome de Leão XIV.

Nascido nos Estados Unidos, Prevost é conhecido como o “pastor de duas pátrias” devido à sua atuação missionária no Peru durante os anos 80.

Essa experiência lhe conferiu fluência em espanhol e um profundo entendimento da Igreja na América Latina, fazendo dele um potencial representante das Américas como um todo.

Prevost ocupava o cargo de prefeito do Dicastério para os Bispos, uma posição estratégica que lhe permitiu conhecer profundamente a estrutura da Igreja e participar ativamente na nomeação de bispos ao redor do mundo.

Essa experiência foi vista como um ponto forte em sua candidatura, demonstrando sua capacidade de liderança e compreensão global da instituição.

Em uma entrevista ao site do Vaticano, Prevost enfatizou sua visão sobre o papel dos bispos. “O bispo é chamado autenticamente para ser humilde, para estar perto das pessoas que ele serve, para caminhar com elas, para sofrer com elas e procurar formas de que ele possa viver melhor a mensagem do Evangelho no meio de sua gente.”

Ele foi escolhido por pelo menos 89 dos 133 cardeais – dois terços dos eleitores do conclave – e será o sucessor do papa Francisco na Cátedra de São Pedro.

De perfil discreto e voz tranquila, Prevost costuma evitar os holofotes e entrevistas. No entanto, é visto como um reformista, alinhado à linha de abertura implementada por Francisco. Tem formação sólida em teologia e é considerado um profundo conhecedor da lei canônica, que rege a Igreja Católica.

Entrou para a vida religiosa aos 22 anos. Formou-se em teologia na União Teológica Católica de Chicago e, aos 27, foi enviado a Roma para estudar direito canônico na Universidade de São Tomás de Aquino. Foi ordenado padre em 1982 e, dois anos

depois, iniciou sua atuação missionária no Peru — primeiro em Piura, depois em Trujillo, onde permaneceu por dez anos, inclusive durante o governo autoritário de Alberto Fujimori. Prevost chegou a cobrar desculpas públicas pelas injustiças cometidas no período.

Em 2014, foi nomeado administrador da Diocese de Chiclayo, cargo em que foi ordenado bispo e permaneceu por nove anos. Nesse período, enfrentou a principal crise de sua trajetória: em 2023, três mulheres acusaram Prevost de acobertar casos de abuso sexual cometidos por dois padres no Peru, quando elas ainda eram crianças.

Segundo as denúncias, uma das vítimas telefonou para Prevost em 2020. Dois anos depois, ele recebeu formalmente os relatos

e encaminhou o caso ao Vaticano. Um dos padres foi afastado preventivamente e o outro já não exercia mais funções por questões de saúde. A diocese peruana nega qualquer acobertamento e afirma que Prevost seguiu os trâmites exigidos pela legislação da Igreja. O Vaticano ainda não concluiu a investigação.

Durante sua passagem pelo Peru, Prevost também ocupou cargos de destaque na Conferência Episcopal local e foi nomeado para a Congregação do Clero e, depois, para a Congregação para os Bispos. Em 2023, recebeu o título de cardeal — função que ocupou por menos de dois anos antes de se tornar papa, algo raro na Igreja moderna.



imagem gerada por inteligência artificial.

Mãe,

não se tem só

Carlos Lopes

Uma

Dizem que mãe é só uma, mas quem já viveu um pouco mais sabe que a vida é cheia de mulheres que nos acolhem, nos orientam, nos protegem — que nos amam como só uma mãe sabe amar. Ao longo da nossa caminhada, vamos cruzando com essas mães de alma, de afeto, de presença. Nem sempre nos deram à luz, mas muitas vezes nos deram a luz: aquela que guia, que aquece, que salva.

Tem a mãe de sangue, claro. Aquela que nos carregou no ventre ou no coração, que nos ensinou os primeiros passos e segurou firme nossa mão quando o medo apareceu. Mas tem também a madrinha que cuidou como se fosse mãe, que comprou presentes com carinho, que orou em silêncio por nós. Tem a professora que enxergou em nós um brilho que nem sabíamos que existia, que insistiu, que incentivou, que ensinou mais que letras — ensinou a acreditar.

E que dizer da vizinha que cuidava da gente quando a nossa mãe precisava sair? Que fazia um prato de comida, dava um copo de leite, mandava a gente colocar o chinelo. Aquela amiga da mãe que virou nossa mãe também, que buscava na escola, que dava conselho. Ou aquela mulher desconhecida que nos acolheu com um gesto simples num momento difícil, que enxugou nossas lágrimas ou ofereceu um colo rápido — mas inesquecível. Existem as mães de um conselho certo, aquelas

que aparecem como anjos e dizem as palavras exatas. As mães de um dia, de um cuidado só, mas que marcaram para sempre. A mãe do amigo, que nos recebeu em sua casa como se fôssemos da família. A amiga mais velha que nos protegeu, que nos orientou, que nos ouviu com paciência quando ninguém mais tinha tempo. A colega que nos defendeu, que compartilhou o lanche, que cuidou quando ficamos doentes. Cada uma, à sua maneira, vestiu esse papel com uma dignidade silenciosa, com um amor que não pediu reconhecimento.

Essas mães que encontramos pelo caminho formam uma rede invisível de carinho e proteção. Elas não têm o mesmo sobrenome que a gente, mas nos chamam de “meu filho” com um tom tão verdadeiro que a gente acredita. E acredita porque é real. Porque ser mãe é, antes de tudo, amar sem medida, doar-se sem esperar retorno, estender a mão sem perguntar o porquê.

Mãe, não se tem só uma. E ainda bem. A vida, generosa, nos dá várias. Mulheres que deixam em nós marcas de cuidado, de afeto, de coragem. Que sorte a nossa poder chamá-las de mãe, mesmo que só por um instante. Que possamos reconhecer, agradecer e retribuir esse amor, lembrando sempre que mãe é quem ama, cuida e transforma — mesmo que por um gesto, um olhar ou uma palavra. Que nunca nos falem essas mães do caminho.

Carlos Lopes, 10/05/2025



Carlos Lopes

é psicólogo, escritor, poeta, professor de artes marciais e corredor amador, natural de Viçosa (MG) e residente em Passos. Atua com foco em psicologia esportiva, especialmente com crianças e adolescentes. Autor do livro Caminhos Versados, Uma Jornada Poética, lançado na Bienal Internacional do Livro de São Paulo em 2024. Presidente da Associação Cultural dos Escritores de Passos, idealizou concursos literários e projetos como Correr para Crescer e Anônimos, unindo arte, saúde mental e inclusão. Escreve para as revistas ARDEIA, Poesias e Cartas, Master-Beach Kick Combat e o jornal Folha da Manhã. Pai, marido e amante dos animais, ministra oficinas e palestras em escolas. Sua obra e atuação promovem autoconhecimento, sensibilidade e valorização da experiência humana.

LITERATURA

DANÇAS

CINEMA

HUMOR

CULINÁRIA

ESPORTES OLÍMPICOS

fotografia



CHARGES

TEATRO

CURIOSIDADES

MENSAGENS DO ALTO

Viva a cultura brasileira!

AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DE INTEIRA
RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES!

ARDEIA, que fez a diferença nos anos 70,
FARÁ NOVAMENTE A DIFERENÇA AGORA NO SÉCULO 21.



Carlo Montanari



Esperamos na edição 19, até lá!

Conheça nossas redes sociais



@REVISTAARDEIACULTURAL



ESCRITORCARLOMONTANARI
REVISTAARDEIACULTURAL

EQUIPE ARDEIA

Editor: Carlo Montanari

Designer gráfico e ilustrações: André Corsi

Assistência editorial: Sabrina Moura

COLABORADORES:

Adailton Almeida - Passos - MG

Alberto Calixto Mattar Filho - Passos - MG

Carlos Lopes - Passos - MG

Carlo Montanari - Passos - MG

Élle Marques - São Luis - MA

Fábio Gonçalves - Agua Boa - MG

Gleisson Klebert de Melo - Passos - MG

Helena Amaral - Passos - MG

José Carlos Castro Sanches - Rosário - MA

Lalita Babs - Campinas - SP

Leonardo Natalino - Passos - MG

Luiz Gonzaga Fenelon Negrinho - Formiga - MG

Sofia Vargas - Passos - MG

